



<https://dx.doi.org/10.35499/tl.v18i2>

# MÍDIAS SOCIAIS COMO OPERACIONALIZADORES PEDAGÓGICOS: ENTRE AS ARMADILHAS E AS FUNCIONALIDADES DA MULTIMODALIDADE

LAYARA KARUENNY OLIVEIRA SILVA LIMA (UNEB)\*

 <https://orcid.org/0000-0002-0843-5194>

LISANDRA AMPARO RIBEIRO PIMENTEL (UNEB)\*\*

 <https://orcid.org/0000-0002-9297-4341>

## RESUMO

Entre benefícios e malefícios, o surgimento das redes sociais, sem dúvidas, revolucionou as relações comunicativas deste tempo, propiciando a intersecção entre texto, imagem, áudio e vídeo em um processo comunicativo multimodal. Nesse cenário, considerando o contexto educacional, a fragmentação e a velocidade com que as informações são consumidas geram impactos significativos à capacidade de leitura, escrita e compreensão de mensagens entre as novas gerações. O objetivo deste artigo é analisar como as redes sociais enquanto operacionalizadores pedagógicos têm impactado as habilidades de interpretação de textos – dos mais simples aos mais complexos – dentro do espaço escolar. Para tanto, verificou-se na literatura recente – entre livros e artigos – quais são as principais funcionalidades pedagógicas dos multimodais e os desafios a serem enfrentados por educadores e educandos. Como resultado, foram encontradas literaturas que, já no início deste século, assinalavam para os perigos do uso exagerado e sem supervisão das mídias sociais – sobrecarga cognitiva, superficialização de conteúdos, distração, falta de foco, fadiga digital; outras também pontuam que a amplificação e a potencialização de competências linguísticas são factíveis, para além do protagonismo e da autonomia. Conclui-se que, para combater a superficialização informacional e conferir funcionalidade pedagógica eficaz às plataformas digitais, é imprescindível que elas sejam assessoradas continuamente por uma diligente curadoria informacional.

**Palavras-chave:** Mídias Sociais. Competências Linguísticas. Multimodalidade. Curadoria Informacional.

---

\* Doutoranda em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora e Coordenadora Pedagógica de Língua Portuguesa do Estado de Pernambuco; Afrânio-PE. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8602041549342723>. E-mail: [karuenny1@gmail.com](mailto:karuenny1@gmail.com).

\*\* Doutoranda em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora de Língua Portuguesa do Estado da Bahia; Salvador-BA. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4041966416543966>. E-mail: [lispiment@hotmail.com](mailto:lispiment@hotmail.com).

## ABSTRACT

### **SOCIAL NETWORKS AS PEDAGOGICAL OPERATIONALIZERS: BETWEEN THE PITFALLS AND FUNCTIONALITIES OF MULTIMODALITY**

Between benefits and harms, the emergence of social networks has undoubtedly revolutionized communicative relationships at this time, providing the intersection between text, image, audio and video in a multimodal communicative process. In this scenario, considering the educational context, the fragmentation and speed with which information is consumed generate significant impacts on the ability to read, write and understand messages among new generations. The objective of this article is to analyze how social networks as pedagogical operationalizers have impacted text interpretation skills – from the simplest to the most complex – within the school space. To this end, it was verified in recent literature – including books and articles – which are the main pedagogical functionalities of multimodals and the challenges to be faced by educators and students. As a result, literature was found that, at the beginning of this century, highlighted the dangers of excessive and unsupervised use of social media – cognitive overload, superficialization of content, distraction, lack of focus, digital fatigue; others also point out that the amplification and enhancement of linguistic skills are feasible, in addition to protagonism and autonomy. It is concluded that, to combat informational superficialization and provide effective pedagogical functionality to digital platforms, it is essential that they are continuously supported by diligent information curation.

**Keywords:** Social Media. Linguistic competences. Multimodality. Information Curation.

## INTRODUÇÃO

A centralidade informacional e do conhecimento que marca a sociedade hodierna figuram os pilares primaciais do desenvolvimento econômico, cultural e social; sua articulação, acessibilidade e difusão são cuidadosamente articuladas pelas novas tecnologias em escala global, sobretudo com o advento da internet e das redes sociais. Vive-se uma noção de espaço dinâmico e de um tempo de hiper e interconectividade sem precedentes, de sorte que as formas de se relacionar, de estudar, de trabalhar, de consumir informação foram transformadas e ressignificadas. Imagem, texto, áudio e ví-

deo se entrelaçam em fluxos contínuos de informação, impactando significativamente as capacidades de leitura, escrita e compreensão de mensagens, principalmente entre as gerações mais novas.

Impensável é conceber as mais diversas atividades humanas hoje sem um atravessamento tecnológico; a ubiquidade comunicativa e computacional é indiscutível e, pela sua onipresença, muitas discussões vêm sendo levantadas sobre como essa convivência tem impactado os sujeitos em seus hábitos, ideias, relações, processos, papéis, aprendizagens (Santaella, 2013). Por sua hi-

permobilidade, interatividade e amplitude difusora, as mídias sociais têm-se consolidado como poderosas ferramentas no cotidiano de crianças, jovens e adultos.

Na esteira da comunicação contemporânea, a acessibilidade e a multimodalidade trazem consigo uma gama diversa de benefícios na mesma medida dos desafios e das responsabilidades. Em se tratando do contexto educacional, essa convergência pode acionar nos estudantes uma série de dispositivos equitativamente antagônicos: de um lado, o protagonismo, o engajamento, a autonomia, a potencialização cognitiva, a aprendizagem colaborativa, a participação ativa, a expansividade sensorial; de outro, a sobrecarga cognitiva, a distração, a falta de foco, alfabetização digital insuficiente, dependência tecnológica, insegurança, comprometimento da privacidade, vigilância epistêmica e curadoria desidiosas, fadiga digital, entre outros.

Fato é que, em um cenário tão controverso, navegar e utilizar as ferramentas multimodais de maneira efetiva, eficiente e responsável pode determinar o sucesso de sua integração no espaço educacional. Outrossim, a conectividade contínua – mormente resultante da diversidade e do volume de informações para processar – já está manifestando nas diferentes gerações sinais preocupantes de sobrecarga cognitiva, haja vista as dificuldades de concentração, de retenção de foco, de gerenciamento e de compreensão profunda de conteúdos básicos.

Diante desse quadro, a intersecção entre mídias sociais e educação tem gerado debates controversos sobre como aquelas têm influenciado e impactado as habilidades e as competências linguísticas dos estudantes neste tempo. Pensando no potencial das ferramentas multimodais e considerando as situações e os processos de ensino e apren-

dizagem cotidianos, estrategicamente, essas plataformas emergem como operacionalizadores pedagógicos eficientes. Com o fito de analisar esses impactos em face de se promover mais e melhor desenvolvimento de competências linguísticas por meio de novos modos de engajamento e de construção do conhecimento é que este artigo se organiza.

À vista disso, o objetivo deste artigo é analisar como as redes sociais enquanto operacionalizadores pedagógicos têm impactado as habilidades de interpretação de textos – dos mais simples aos mais complexos – dentro do espaço escolar. Para o exame dos recursos multimodais e das dinâmicas de interação nessa espacialidade, busca-se delinear estratégias que possam auxiliar efetiva e eficientemente professores e estudantes no uso dessas mídias no processo educativo. Com esse propósito, realizou-se uma revisão da literatura recente materializada por uma pesquisa bibliográfica de cunho descritivo e natureza qualitativa, base essa que servirá na identificação das funcionalidades pedagógicas da multimodalidade para o desenvolvimento das habilidades linguísticas neste tempo.

## **1. OS IMPACTOS DAS REDES SOCIAIS NA LEITURA E NA ESCRITA NA ERA DIGITAL**

A consolidação do emprego dos meios de comunicação visual veio à tona com o advento das novas mídias, especialmente devido à ampliação da capacidade de transmissão de vasta quantidade de informações. Tal mudança produziu, tanto no âmbito impresso quanto no digital, uma variedade de configurações de textos multimodais, os quais relacionam a linguagem escrita com imagens, sons, cores e outros elementos, visando co-

municar e representar ideias, ampliando assim o enfoque na multimodalidade.

Com isso, a leitura e escrita na era digital são caracterizadas por uma maior diversidade de formatos e modalidades. Nesse sentido, Kress (2003) argumenta que essas novas formas de comunicação demandam uma redefinição do conceito de alfabetização, para incluir não apenas a habilidade de decodificar o texto escrito, mas também a capacidade de interpretar e produzir conteúdo multimodal.

A esse respeito, Bateman (2014) enfatiza a estreita interdependência entre os modos de expressão verbal e visual, culminando na utilização de sistemas semióticos, os quais compõem uma estrutura coesa e coerente, fundamentando, assim, o ato comunicativo multimodal. Dessa maneira, um texto multimodal constitui uma entidade textual única, derivada da noção de coesão resultante da interação entre linguagens, contribuindo mutuamente para a construção do significado, sobretudo no ambiente digital, onde a dinamicidade da relação entre texto, som e imagem se destaca.

Quanto à relevância dos elementos visuais no universo digital, Kress (2003) observa alguns pontos: o aspecto visual na tela do computador, para onde a atenção do indivíduo é direcionada, possibilitando a produção de textos escritos com ênfase na imagem, mediante a incorporação de variáveis como tamanho e estilo de fontes, *layout* e outros recursos ao texto linguístico; a facilidade de combinação de diferentes modos de representação (som, imagem, vídeo, etc.) com a linguagem verbal, por meio da utilização de tecnologias na produção textual; o contexto de evolução tecnológica como fomentador de convergência entre diferentes tecnologias; e o processo global resultante da globalização e internacionalização.

Dessarte, tais elementos fundem-se às relações estabelecidas na sociedade contemporânea com o uso e o impacto das redes sociais na transmissão de informações e nas práticas de leitura e escrita dos usuários. Muitas pesquisas têm explorado como a natureza multimodal dessas plataformas afeta a comunicação *on-line*, discutindo a cultura participativa e colaborativa que emerge nas redes sociais, onde os usuários não apenas consomem conteúdo, mas também o produzem e compartilham, muitas vezes, utilizando uma variedade de formatos multimodais para expressar suas ideias e opiniões (Jenkins, 2009). Além disso, muitos estudos têm explorado como essa combinação de diferentes modos semióticos têm influenciado a interação dos usuários com o conteúdo disponibilizado nas plataformas digitais.

Nesse cenário, Lankshear e Knobel (2008) destacam como as redes sociais exigem dos usuários habilidades de interpretação e produção de conteúdo – que vão além da simples leitura e escrita de textos lineares –, pois as possibilidades não múltiplas. Eles apontam que esses espaços exigem habilidades expandidas de compreensão e de criação de textos pela multimodalidade, como *memes*<sup>1</sup> (Dawkins, 1976), *GIFs*<sup>2</sup> e vídeos curtos, o que podem promover o letramento digital. Com isso, a interpretação e produção de textos multimodais requerem uma compreensão complexa das convenções culturais e visuais que permeiam as redes sociais.

Argumentam Kress e Van Leeuwen (2001) que os textos multimodais são construídos a

- 1 Unidade de informação cultural que se espalha de pessoa para pessoa, de maneira análoga à transmissão de genes na biologia.
- 2 Acrônimo para *Graphics Interchange Format*, um formato de imagem que foi introduzido pela primeira vez em 1987 pela CompuServe. O uso popular de *GIFs* como substantivo plural para essas animações curtas tornou o termo um neologismo na linguagem cotidiana.

partir de uma interação complexa entre diferentes modos semióticos e que a compreensão dessas interações é fundamental para uma leitura eficaz do conteúdo *on-line*. Nesse cenário, é importante destacar como os usuários utilizam recursos como *hashtags*, *emojis*<sup>3</sup> (KURITA, 1999) e filtros visuais para complementar o texto escrito e transmitir nuances emocionais e contextuais em suas postagens, pois esses navegantes digitais devem ser capazes de decodificar e de compreender tanto os aspectos verbais quanto os visuais das postagens para apreender completamente seu significado.

No contexto em análise, a multimodalidade examina como a interação entre os significados da comunicação e a convergência de multimodos semióticos é facilitada pela revolução tecnológica, que introduz novas modalidades de comunicação, interação social e definições de identidade, tanto individual quanto coletiva (Jenkins, 2009). Sob essa perspectiva, novas exigências em relação ao domínio das formas contemporâneas de leitura e escrita surgem diariamente. Conforme considera Jewitt (2013, p. 251):

As tecnologias digitais são de particular interesse da multimodalidade porque elas possibilitam uma ampla variedade de modos, frequentemente em novas relações intersemióticas umas em relação às outras. Elas desestabilizam e remodelam gêneros, reformulando as práticas e a interação. As tecnologias digitais são, portanto, objetos-chave para a investigação multimodal.

Logo, a capacidade de as redes sociais transmitirem informações de maneira rápida e abrangente por meio de uma variedade de formatos multimodais exige a reflexão das práticas de leitura e escrita dos usuários nessas plataformas, entendendo que esse

3 Pequenos ícones ou imagens usados para expressar uma ideia, emoção ou conceito em mensagens eletrônicas e comunicações digitais.

contexto requer habilidades que vão além da interpretação textual tradicional. Nessa linha de pensamento, a seção seguinte se debruça.

### 1.1 O comprometimento da capacidade de leitura, escrita e compreensão das mensagens nas redes sociais

O comprometimento das capacidades de leitura, escrita e compreensão das mensagens nas redes sociais é um fenômeno multifacetado que tem despertado crescente interesse e preocupação. Essa questão pode ser analisada sob diferentes perspectivas, considerando os fatores que contribuem para esse fenômeno, dentre eles, estão: a velocidade e a superficialidade das informações; a abundância de informações; e a fragmentação da linguagem.

A ascensão das redes sociais transformou significativamente a dinâmica da leitura, introduzindo uma cultura de consumo rápido e superficial de conteúdo. Nas plataformas digitais, os usuários são frequentemente bombardeados por uma quantidade massiva de informações em um ritmo acelerado. Essa rápida sucessão de *posts*, *tweets*, vídeos curtos e outras formas de conteúdo pode levá-los a adotarem uma abordagem de leitura superficial, na qual percorrem rapidamente o *feed*, absorvendo apenas os aspectos mais rasos das mensagens. Com isso, a velocidade com que as informações são consumidas, produzidas e disseminadas pode comprometer a capacidade de leitura profunda e reflexiva.

Nessa perspectiva, Levy (1999) afirma que o volume de informações produzidas cresce exponencialmente, enquanto nossa capacidade de absorção e de processamento dessa massa informacional permanece limitada. Essa disparidade força os usuários a se contentarem com fragmentos superficiais de conhecimento, prejudicando a profundidade da compreensão e o tempo necessário para a reflexão crítica.

É importante evidenciar também, que pressão para consumir conteúdo em alta velocidade, muitas vezes, resulta na falta de engajamento crítico para com as informações apresentadas. Os usuários podem se contentar com uma compreensão superficial do conteúdo, sem dedicar o tempo necessário para refletir sobre sua relevância, precisão ou implicação mais ampla. Isso pode levar a uma compreensão distorcida ou incompleta dos assuntos discutidos, interferindo na capacidade de realizar uma leitura profunda e significativa.

Ademais, a própria estrutura das redes sociais, com seus algoritmos de recomendação e *feeds* infinitos, perpetua um ciclo de consumo superficial de conteúdo. Os algoritmos frequentemente priorizam conteúdos breves e rápidos – sobretudo aqueles que geram mais engajamento –, em detrimento de conteúdos mais longos e reflexivos. Isso cria um ambiente em que a leitura rápida e superficial é incentivada e recompensada, ao passo que se desencoraja a leitura mais profunda e reflexiva.

Destarte, a rapidez e a superficialidade da leitura nas redes sociais podem trazer consequências negativas para a sociedade e a cultura, porquanto uma compreensão rasa e fragmentada dos problemas pode dificultar o debate informado e a tomada de decisões fundamentadas. Terreno fértil às *fake news*, posto que não se prioriza ou se investe em uma curadoria informacional cuidadosa, tampouco se pratica vigilância epistêmica; as plataformas midiáticas não apenas facilitam a disseminação dessas informações, como também efetivam modos de vigilância que modelam e influem os fluxos de conhecimento *on-line*, alerta Van Dijck (2013).

No que tange à quantidade excessiva de informações disponíveis nas redes sociais, nota-se que tal circunstância pode sobrecar-

regar os usuários, tornando difícil o discernimento entre informações precisas e enganosas. Isso pode resultar em uma falta de habilidade para avaliar criticamente o conteúdo e distinguir entre fatos. Essa sobrecarga informacional pode levar os usuários a uma condição conhecida como *infoxicação*, termo foi cunhado pelo físico espanhol Alfons Cornella no final da década de 1990 para descrever a complexidade e os desafios associados à absorção do vasto volume de informações disponibilizadas diariamente no ambiente digital.

Com o objetivo de ilustrar a dificuldade que os indivíduos enfrentavam ao tentar assimilar, discernir e avaliar a qualidade, a veracidade e a relevância das informações que recebiam continuamente, Cornella utilizou esse neologismo. Este fenômeno não apenas sobrecarrega os receptores de informação, mas também contribui para a propagação de informações falsas. À medida que essas informações equivocadas são compartilhadas e disseminadas, a infoxicação se intensifica, criando um ciclo vicioso que amplifica a sobrecarga informacional no meio digital dia após dia.

Outrossim, a falta de critérios claros para a verificação da veracidade das informações compartilhadas nas redes sociais contribui para a disseminação de notícias falsas e desinformação. Diante desse cenário, a educação midiática emerge como uma ferramenta fundamental para capacitar os usuários a lidar com a sobrecarga informacional e discernir entre informações precisas e enganosas. É necessário desenvolver habilidades de pensamento crítico e análise de mídia para promover uma participação informada e responsável nas redes sociais e na sociedade como um todo.

Percebe-se que a linguagem utilizada nas redes sociais, muitas vezes, é caracterizada

por abreviações, gírias e *emojis*, o que pode dificultar a compreensão para aqueles que não estão familiarizados com esses códigos linguísticos, o que gera uma linguagem fragmentada. Além disso, a comunicação em formato de postagens curtas pode limitar a expressão de ideias complexas e nuances de significado. A fragmentação da linguagem nas redes sociais, comumente marcada por características orais e pela escrita informal, refletindo a dinâmica da interação digital. Dessa maneira, linguagem nas redes sociais é frequentemente condicionada pela rapidez e pela brevidade exigidas nesses espaços, o que leva os usuários a recorrerem a abreviações para se comunicarem de maneira mais eficiente.

Explora Recuero (2009) como a fragmentação da linguagem nas redes sociais pode gerar barreiras comunicativas, especialmente entre diferentes grupos sociais com repertórios linguísticos distintos. Essa autora destaca que a compreensão das gírias e das abreviações pode ser essencial para a participação efetiva nessas plataformas, mas salienta ser variável e efêmera as significações a elas associadas, dada a variabilidade e a dinamicidade semântica relativa aos meios digitais.

Nessa mesma linha, Santaella (2014, p. 34) considera:

A velocidade com que as informações circulam na sociedade contemporânea tende a favorecer uma leitura rápida e fragmentada, em detrimento de uma compreensão mais aprofundada e crítica dos conteúdos. Esse hábito, amplamente difundido, pode comprometer a capacidade dos indivíduos de analisar e refletir de forma mais detalhada sobre os assuntos, levando a uma apreensão parcial e, muitas vezes, distorcida da realidade.

Além das abreviações, como já assinalado, as gírias e os *emojis* também desempe-

nam um papel importante na fragmentação da linguagem nas redes sociais. Aponta Porto (2014) que, dada à sua efemeridade e informalidade, as gírias *on-line* contribuem para a construção de identidades digitais provisórias e para a expressão de pertencimento a determinados grupos sociais. No entanto, esse autor ressalta que o uso excessivo de gírias pode dificultar a comunicação entre usuários que não compartilham do mesmo repertório linguístico, gerando ruídos de comunicação e até mesmo da interrupção do processo comunicativo.

Os *emojis*, por sua vez, constituem-se em elementos visuais que complementam a linguagem escrita nas redes sociais; nos últimos anos, esse recurso não só se popularizou como serviu de aporte a novas versos mais personalizadas, a exemplo do *avatares*. Por outro lado, já considerando a variabilidade do significante relativo aos *emojis*, pode-se afirmar que eles também podem gerar mal-entendidos e ambiguidades na comunicação *on-line*.

Diante desse cenário, é fundamental promover a educação linguística e digital, capacitando os usuários a compreender e interpretar os diferentes aspectos da linguagem fragmentada nas redes sociais. É primordial uma abordagem crítica e reflexiva sobre as práticas linguísticas digitais que podem contribuir para uma comunicação mais inclusiva e acessível a todos os participantes *on-line*.

## 2. A FUNCIONALIDADE DAS REDES SOCIAIS COMO MEIOS PEDAGÓGICOS

As redes sociais, ao serem integradas no contexto educacional, apresentam um grande potencial para estimular a colaboração e a interação entre estudantes e professores.

Segundo Lorenzo (2013), o professor pode utilizar as redes sociais de diversas maneiras para enriquecer o processo educativo – do acionamento da capacidade crítica do estudante à sua expressividade criativa. Essas plataformas oferecem ferramentas que permitem identificar aspectos do desenvolvimento dos estudantes que podem ser difíceis de observar em uma sala de aula tradicional. Por exemplo, o professor pode monitorar o progresso na escrita discente, analisar suas habilidades de pesquisa em determinados assuntos e avaliar a qualidade de suas argumentações em discussões *on-line*.

Além disso, as redes sociais possibilitam a troca de experiências entre professores e estudantes, facilitando a realização de avaliações formativas e somativas em um ambiente digital. Os professores podem compartilhar informações de maneira mais dinâmica e acessível, criando comunidades de aprendizagem em que todos os membros possam colaborar e aprender juntos. A criação de enquetes, por exemplo, permite que o docente colete *feedback* instantâneo dos discentes, ajudando-o a ajustar as estratégias de ensino de acordo com as necessidades da turma.

As redes sociais também são eficazes para esclarecer dúvidas fora do horário de aula, proporcionando um canal contínuo de comunicação entre professores e alunos. Esse suporte adicional é crucial para a consolidação do aprendizado, pois oferece aos estudantes a oportunidade de resolver questões em tempo real, aumentando a retenção de informações e o engajamento com o conteúdo. Dessa maneira, Pinto e Pereira (2016, p. 88) defendem que:

[...] fica cada vez mais claro e imprescindível o uso das redes sociais como ferramenta pedagógica, a fim de estabelecer maior diálogo

com os alunos, tratando aspectos de sua vida cotidiana como componentes essenciais do processo de ensino-aprendizagem [...].

Ademais, as redes sociais podem viabilizar situações educacionais que seriam pouco prováveis sem elas. Permitem que os professores implementem projetos interdisciplinares que envolvam a colaboração de estudantes de diferentes turmas ou até mesmo de diferentes escolas, ampliando o horizonte educacional desses. Por meio de grupos e comunidades *on-line*, os discentes podem participar de debates, projetos colaborativos e outras atividades que desenvolvem habilidades essenciais, como a capacidade de trabalhar em equipe e de se comunicar de forma eficaz em um ambiente digital.

Tal perspectiva corrobora com os apontamentos de Pinto e Pereira (2016, p. 103) ao afirmarem que “[...] o uso de redes sociais como ambiente de aprendizagem virtual, aproveitando as suas possibilidades e através de uma abordagem interdisciplinar, pode contribuir para a construção de novos conhecimentos e de forma cooperativa”. A intersecção curricular, nas práticas tradicionais, dificilmente se fazem exequíveis por uma série de fatores – indisponibilidade docente para o planejamento de ações, incompatibilidade de horários –, mas que, por meio das plataformas digitais, uma convergência de tempo e ideias tornar-se-ia factível (Jenkins, 2009).

Outro benefício significativo é a possibilidade de integrar conteúdos multimídia às atividades pedagógicas; vídeos, infográficos, *podcasts* e outros recursos digitais podem ser facilmente compartilhados e utilizados para complementar o ensino tradicional, tornando o aprendizado mais envolvente e interativo. Isso ajuda a atender aos diversos estilos de aprendizagem dos alunos, ofere-

cendo múltiplas formas de assimilação de conteúdo.

Segundo Moran (2014), a utilização das redes sociais como ferramentas pedagógicas pode expandir o ambiente de aprendizagem, tornando-o mais flexível e interativo. Isso possibilita que os estudantes troquem ideias, compartilhem recursos e colaborem em projetos fora do horário escolar, enriquecendo o processo educativo. Um exemplo prático dessa colaboração pode ser observado em grupos de estudo *on-line*, em que os estudantes podem postar dúvidas, discutir conceitos e compartilhar materiais.

Os professores, por sua vez, podem moderar as discussões, oferecer *feedback* em tempo real e disponibilizar conteúdos adicionais que complementem as aulas presenciais. Essa interação constante não só fortalece a compreensão dos estudantes, mas também promove um senso de comunidade e apoio mútuo. A colaboração promovida pelas redes sociais também pode transcender as fronteiras da escola, conectando estudantes a profissionais e especialistas de diversas áreas. Essa possibilidade de *networking* educacional expande os horizontes dos alunos, oferecendo-lhes uma visão mais ampla e prática do conhecimento que estão adquirindo. Sobre isso, Moran (2014) enfatiza que essa conexão com o mundo real é essencial para preparar os estudantes para os desafios profissionais futuros.

No entanto, é fundamental que essa integração das redes sociais seja bem planejada e supervisionada, pois a falta de um direcionamento pedagógico claro pode resultar em distrações, na falta de foco e no uso inadequado das plataformas. Os educadores devem estabelecer regras e objetivos claros para a utilização dessas ferramentas, garantindo que o foco permaneça no aprendizado e no desenvolvimento das habilidades dos

estudantes. A esse respeito, Kenski (2012) ressalta a importância de uma mediação pedagógica eficaz para que as redes sociais sejam realmente funcionais no contexto educacional. Para ampliar a discussão, a autora afirma ainda que:

A ação docente mediada pelas tecnologias é uma ação partilhada. Já não depende apenas de um único professor, isolado em sua sala de aula, mas das interações que forem possíveis para o desenvolvimento das situações de ensino. Alunos, professores e tecnologias integrando com o mesmo objetivo geram um movimento de descobertas e aprendizados (KENSKI, 2012, 103).

As redes sociais, além de promoverem a interação e a colaboração, têm um papel fundamental no desenvolvimento da autonomia e da autoria dos estudantes. A autonomia refere-se à capacidade de gerenciamento do próprio processo de aprendizagem, enquanto a autoria está relacionada à criação de conteúdos originais e à expressão de ideias. Segundo Valente (2005), a utilização das tecnologias digitais, incluindo as redes sociais, pode favorecer a construção de uma postura mais ativa e autônoma dos estudantes em relação ao conhecimento.

Ao utilizar as redes sociais como meio pedagógico, os estudantes têm a oportunidade de assumir um papel mais protagonista no seu aprendizado, podendo pesquisar temas de interesse, participar de discussões *on-line* e produzir conteúdos que refletem suas compreensões e perspectivas. Isso não só aumenta o engajamento estudantil, como também incentiva o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas, posto que se estimula a assunção de uma postura ativa frente à própria formação, salienta Valente (2005), que assinala ainda ser essencial à constituição da autonomia e da responsividade desses sujeitos.

No contexto das plataformas digitais, os estudantes também aprendem a gerenciar sua presença *on-line* e a construir uma identidade digital, incluindo habilidades de curadoria de informações, de gestão de privacidade e de comunicação eficaz. Segundo Valente (2005), essas competências são fundamentais à navegação segura e eficiente no mundo digital, preparando os estudantes para os desafios e as oportunidades da era da informação.

Dessa forma, mostra-se importante que os educadores incentivem a responsabilidade e a ética no uso das redes sociais. A autoria digital deve ser acompanhada por uma consciência crítica sobre o impacto e as implicações das informações compartilhadas *on-line*. Enfatiza Santaella (2004) que a formação ética é indispensável para que os estudantes usem as redes sociais de maneira responsável e construtiva. Os professores têm um papel crucial na orientação dos estudantes sobre as questões relativas a direitos autorais, à licitude, à privacidade e ao comportamento adequado nas redes sociais.

Desse modo, é crucial que haja uma formação contínua dos professores para o uso das redes sociais como ferramentas pedagógicas, visto que muitos deles não se sentem confortáveis ou capacitados para integrar essas tecnologias em suas práticas de ensino. Programas de formação que abordem tanto aspectos técnicos quanto pedagógicos podem ajudar esses profissionais a explorar todo o potencial das redes sociais na educação, promovendo uma aprendizagem mais colaborativa, interativa e significativa para si e aos estudantes.

Portanto, as redes sociais não apenas complementam o ensino tradicional, mas também expandem as oportunidades de aprendizagem, tornando-as mais acessíveis, interativas e relevantes para os estudantes.

A utilização dessas ferramentas de forma estratégica pode transformar a dinâmica educacional, promovendo um ambiente mais colaborativo, inclusivo e eficaz, pois ao integrar as redes sociais como meios pedagógicos, as escolas podem não apenas promover uma aprendizagem mais colaborativa e interativa, mas também desenvolver a autonomia e a autoria dos estudantes, preparando-os para se tornarem cidadãos críticos e criativos no mundo digital.

### **3. A SUPERFICIALIDADE INFORMACIONAL ENTRE A TERRITORIALIDADE DIGITAL E A ESCOLAR**

A capacidade de analisar criticamente as informações e de articular ideias de forma criativa, reflexiva e contextualizada é um dos pontos frequentemente assinalados nas discussões acerca de um cenário marcado pela desinformação e pela superficialidade informacional, como é o das redes sociais. Ciente de que o mundo virtual está intrinsecamente ligado ao cotidiano das pessoas, já se percebem reverberações comprometedoras no mundo não virtual do fenômeno da *infodemia*, posto que a cena política e a cena educacional têm sofrido baixas significantes em suas configurações. Salieta Evangelista (2022, p. 123) que “[...] a desinformação, ao ser instrumentalizada por agentes políticos, compromete seriamente o debate público e a qualidade da democracia”.

A alta circulação de conteúdos simplificados, breves e voltados ao consumo rápido é marca indelével das novas mídias. Há quem argumente sobre a moderação e o uso informacional pela ótica do perfil do usuário ou até mesmo pelas *escolhas* deste alinhadas às preferências individuais, se não fosse

pelas reverberações danosas que a superficialidade informacional tem gerado dentro e fora do circuito digital (Lemos, 2020). Da infoxicação à fadiga digital, os arrasamentos nas plataformas têm alcançado o território escolar, ocasionando um comprometimento das capacidades linguísticas de seus usuários, sobretudo das gerações mais novas, geradas nesse contexto de efemeridade e insegurança epistêmica.

Nota-se que, para além de uma ubiquidade comunicacional inquestionável, são prerrogativas das redes sociais a produção e a circulação de conteúdos simplificados e de consumo célere, volátil, e, como elementos constitutivos, assinala Santaella (2013), não se está aqui questionando os modos como essa tendência foi estabelecida. O ponto de discussão a que se propõe este artigo é identificar modos e meios de driblar estrategicamente esse fenômeno da superficialização informacional, que torna sujeitos incapazes de empreender uma argumentação mais complexa e profunda, que torna o campo digital fértil à não verificação da veracidade das informações, viabilizando a propagação de conteúdos não confiáveis e, muitas vezes, enganosos e equivocados (Evangelista, 2022).

Contudo, por entender que as práticas linguísticas no território virtual – enquanto hábitos – têm sido reproduzidas fora dele, emergem questões sobre as implicações educacionais relacionadas ao fenômeno da superficialização informacional, quais sejam: diminuição da capacidade de engajamento de leituras mais profundas e sua consequente análise crítica; atenção fragmentada e comprometimento de memória a longo prazo; proliferação de desinformação e de *fake news*; prejuízo à constituição de um pensamento crítico; ausência de profundidade e de contextualização na ar-

gumentação; distanciamento dos contextos acadêmicos e profissionais dado ao uso de linguagem predominantemente informal, desestruturada e repleta de abreviações.

Em se falando especificamente de competências cognitivas, pensando na configuração midiática digital, conforme já mencionado em seção anterior, são múltiplas e constantes as notificações acionadas durante o uso dessas ferramentas, o que implica um processo contínuo de fragmentação da atenção dos usuários. A esse respeito considera Carr (2011, p. 136) que “[...] a internet está fomentando uma nova forma de ler, na qual nos movemos rapidamente através de pequenos pedaços de informação de muitas fontes diferentes, ao invés de nos concentrarmos por longos períodos em um único texto”. Dessa forma, as distrações, os desvios e a falta de foco figuram os principais dispersores cognitivos das redes, pois reduzem significativamente o tempo e a qualidade do estudo, o que, a longo prazo, acaba por afetar a capacidade de atenção sustentada e a memória das novas gerações.

Ademais, sem a devida supervisão/monitoria de responsáveis, muitos jovens são expostos a uma quantidade incomensurável de informações, que culminam por prejudicar o desenvolvimento de um pensamento crítico. A acessibilidade e a praticidade – que deveriam significar oportunidades de aprendizagem, de amplificação e de potencialização de competências – figuram o rol de dispositivos de superficialização informacional, pois o sujeito não tem sabido utilizá-las de maneira satisfatória, adaptativa, personalizada.

Quanto às habilidades linguísticas, que abrangem as capacidades de usar eficazmente as linguagens dentro e fora da territorialidade digital, têm-se percebido comprometimentos reais com a exposição exa-

gerada às novas mídias. Destaca Wolf (2019, p. 45) que “[...] a leitura digital, com sua tendência a encorajar uma leitura superficial, pode limitar a aquisição de um vocabulário mais rico e diversificado, uma vez que os leitores frequentemente evitam textos mais complexos e desafiadores”. Para além da limitação vocabular empreendida por esse tipo de leitura, perceptíveis são a redução da compreensão textual e a retenção de informações nas redes, posto que os usuários dessas mídias acabam sendo expostos a uma consecução de distrações – das multitarefas às interfaces várias possíveis.

Nessa mesma abordagem sobre a fragmentação da leitura Carr (2011, p. 120) destaca que “[...] cada clique de um *hyperlink*, cada nova janela *pop-up*, cada notificação que aparece na tela interrompe a nossa concentração e fragmenta o nosso fluxo de pensamento, tornando mais difícil a leitura e a compreensão profundas”. Notificações, *links*, *hiperlinks*, aplicativos; são muitos os elementos dispersores que concorrem e dificultam a leitura digital, desembocando no comprometimento das habilidades linguísticas essenciais à apropriação de ideias e saberes, interceptando e prejudicando o fluxo natural de leitura e compreensão textuais.

Uma vez priorizada a leitura digital, gerenciada por recursos fragmentadores e marcada por uma navegação não linear, não sequencial, muitas vezes, articulada por saltos no texto promovidos pelos *hiperlinks* disponibilizados pelas plataformas digitais; não se promove uma concreta leitura imersiva, e o usuário acaba não se envolvendo com o texto. Isso pode ser constatado pela alta popularidade dos resumos acadêmicos e literários. Considera Carr (2011, p. 131) que “[...] a constante interrupção e fragmentação promovidas pelas mídias digitais tornam cada vez mais difícil para os leitores se

engajarem em uma leitura profunda e imersiva, como costumavam fazer com livros impressões”.

[...] o problema é que quando nos submetemos a uma dieta de distrações digitais e fragmentadas – repassando de um site para outro, de um texto para outro, de uma imagem para outra, de um vídeo para outro –, estamos atraindo os nossos cérebros para longe de uma prática essencial à mente humana: a prática da concentração (Carr, 2011, p. 45).

A leitura, por sua natureza linguística, acaba exigindo do leitor que desacelere, que se permita à imersão, ao envolvimento, à observação atenta, à consecução linear de raciocínios, portanto, demandando-lhe um ritmo mais lento. Dessa maneira, nas plataformas digitais, esse fluxo ganha diferentes roupagens, modos, meios e recursos, orquestrados de forma mais célere e superficial, comprometendo a capacidade de interpretação de informações, de resolução de problemas complexos e da formulação de pensamentos mais profundos e lógicos.

É importante destacar que essas interrupções não só contribuem para a perda de foco, como também gera no usuário desconfortos físicos – tensão ocular, dores (de cabeça, no pescoço, nos ombros, nas costas), Síndrome do Túnel do carpo, postura curvada, fadiga ocular, ergonomia inadequada, desalinhamento cervical e distúrbios no sono.

Da escrita, por exemplo, para além da progressiva perda de habilidades manuais, percebe-se ainda um notório avanço do uso de recursos automáticos de correção gramatical e ortográfica. Essa exposição tem gerado nos usuários a inabilidade de identificar e corrigir erros e, por conseguinte, instaurar-se uma incompetência de autocorreção. Sem a detecção de erros, sem a reflexão ou

a análise sobre eles, não há aprendizagem; sem essa, sucede-se indiscutivelmente o comprometimento de sua capacidade cognitiva e linguística.

Com cada texto, e-mail ou postagem e, mídia social, os erros de ortografia e gramática são corrigidos antes de termos a chance de aprender a escrita correta. [...] Escrever à mão é uma habilidade complexa e exige o uso e a coordenação de múltiplas partes do cérebro, incluindo áreas responsáveis pela formação das letras e pela compreensão da linguagem. Com a crescente dependência de dispositivos eletrônicos para a comunicação escrita, estamos vendo uma diminuição no desenvolvimento e na manutenção dessas habilidades manuais (SAX, 2016, p. 102).

A dependência dos corretores ortográficos também pode gerar insegurança linguística no usuário a partir de sua irreflexão; ao passo que esse deposita nos algoritmos total confiança nas escolhas e correções sugeridas, também gera em si a incapacidade de gerir as nuances características de sua língua, não percebendo o cometimento de erros sutis. E, por falar em erros, são muitas as vezes em que os corretores automáticos interferem na coerência textual, sugerindo correções que não têm sentido e conduzindo o usuário ao erro, só que, dessa vez, trata-se de comprometimento semântico, de erros de contexto. Por vezes, também são geradas marcações equivocadas ou não são detectadas correções necessárias, são os chamados *falsos positivos* e os *falsos negativos*, respectivamente; e isso se deve à recusa de muitos usuários em realizar a acurada revisão manual (Mcculloch, 2019).

Sem a prática contínua da escrita cursiva, essa habilidade não se faz aprimorada; mesmo sendo o uso da escrita digital cada vez abrangente, ainda há situações determinantes há formação dos estudantes que demandam exclusivamente aquela habilidade

tradicional, haja vista os exames educacionais, as seleções acadêmicas, os concursos. E, para além disso, há de se destacar que essa prática está intrinsecamente associada ao processo de internalização das regras gramaticais e ortográficas, pois, na consecução da escrita, o sujeito deve-se debruçar sobre as formas mais adequadas de tornar seu texto inteligível em contextos e para públicos diversos.

Conforme menção à insegurança linguística gerada pelos corretores ortográficos, outro ponto de preocupação emerge desse uso que é a interferência desses recursos no processo criativo dos estudantes. A originalidade, a individualidade e o estilo de escrita dos sujeitos acabam sendo comprometidos, pois estes tendem a depositar maior confiança nas ferramentas, indispondo-os à manifestação de sua criatividade e responsividade, cedendo à uniformização da escrita. Isso, sem falar na Inteligência Artificial, como o ChatGPT e outras plataformas que enredam discussões para além de suas funcionalidades, como a questão ética iminente da propriedade intelectual, do plágio (Zuboff, 2019).

Se, por um lado, a exposição a formatos midiáticos diversos inteira os estudantes para o mundo digital contemporâneo, de modo a desenvolver neles competências essenciais à cidadania digital e ao letramento midiático; por outro, podem gerar nesses sujeitos dificuldades na consecução de atividades e na estruturação de habilidades simples, como a leitura profunda, a compreensão adequada e a escrita eficiente de textos diversos. Não há dúvidas sobre o poder de alcance e de adesão e a versatilidade das plataformas digitais, contudo, para que elas atuem eficientemente como operacionalizadores pedagógicos, é crucial que esses desafios sejam superados.

A celeridade, o volume e a diversidade de informações que circulam nas redes sociais figuram as especificidades e a dinamicidade da comunicação multimodal, o problema de fato não reside nessas características, mas sim no uso inadequado e excessivo que se tem feito delas. Enfatiza Kress (2010) que, na prática pedagógica contemporânea, os professores têm reconhecido como os recursos multimodais são importantes engajadores e promotores de interação entre estudantes e o conhecimento. A intersecção entre som, imagem e texto disponibiliza a todos os incluídos digitais uma riqueza de meios e modos que podem tornar o processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico e eficaz.

Ainda assim, no entanto, sabe-se que as gerações mais novas – especialmente por serem nativas de um tempo já configurado nesse formato – são as mais expostas e quem mais sofre com isso, dada às fadigas, às sobrecargas, às incapacidades que têm dificultado a sua formação física, emocional, mental e intelectual.

Embora seja dificultoso o percurso para a mitigação do fenômeno da desinformação e da superficialização informacional flagrante nas plataformas digitais, é possível que os professores desenvolvam ações/intervenções que venham a driblar esse avanço, usando estrategicamente o poder de disseminação que essas ferramentas têm na potencialização e na amplificação das competências linguísticas. Integralização curricular midiática, uso complementar de multimeios no ensino de línguas, ressignificação e percursos reflexivos de narrativas e contextos, estímulo à escrita criativa via multimodais, entre outras iniciativas, são possíveis.

Nessa cruzada pedagógica, igualmente importante é reconhecer que há uma gama

ampla de oportunidades comunicativas, mas é imprescindível que seja incidida uma acurada, consciente, orientada e contínua vigilância epistêmica. A partir dessa e de outras implementações pedagógicas responsáveis, é provável que professores e estudantes possam navegar no ambiente virtual de maneira responsável, ética, crítica e produtiva, desenvolvendo adequadamente suas habilidades linguísticas na mira de um sucesso tanto acadêmico quanto profissional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da ubiquidade à hipermobilidade inerentes aos recursos multimodais, indisputável é a funcionalidade midiática à cena educacional, justamente pela dinamicidade e pela praticidade com que as novas tecnologias gerenciam necessidades preferências de seus usuários. Que as plataformas digitais hoje atuam como agentes informacionais de larga popularidade e adesão intergeracional, isso é incontroverso; interatividade, acessibilidade e multimodalidade são os pilares de uma sociedade em constante mudança, e a escola e seus processos formativos não podem estar desalinhados a essa realidade.

Inversamente contributivo é o progressivo movimento de superficialização das informações, pois a velocidade, a quantidade expressiva e a diversificação de informações geradas nos meios digitais têm gerado nos usuários dificuldades reais de leitura, compreensão e escrita entre as novas gerações. As especificidades associadas às plataformas digitais são reverberadas negativamente no espaço escolar, especialmente no que tange ao desenvolvimento eficiente e efetivo das competências linguísticas dos estudantes que estão expostos àquelas de maneira intermitente, sem supervisão ou qualquer mediação responsiva.

Há um potencial significativo dos multimodais como operacionalizadores pedagógicos no que se refere às competências linguísticas a serem exploradas e amplificadas: engajamento, protagonismo, expressão criativa, criticidade, interatividade, autonomia, participatividade, entre outros benefícios. Entretanto, para que haja uma maximização desse potencial, é precípua tratar os riscos e os malefícios de um uso sem vigilância, responsividade ou curadoria – da fadiga digital à sobrecarga cognitiva.

Tendo em vista o exame e as análises investidos sobre as plataformas digitais na espacialidade escolar aqui neste artigo, considera-se imperioso empreender mais efetivamente nas ferramentas multimodais como operacionalizadores de acentuada eficiência no campo pedagógico. Todavia, para que isso ocorra de maneira efetiva, em paralelo, é preciso também que sejam interpretados: um letramento digital expandido – entre professores e estudantes – para o uso eficiente dos recursos multimodais; uma conversão da funcionalidade midiática – do campo do entretenimento exclusivo para o da educação significativa – e uma contínua e cuidadosa curadoria informacional para que a qualidade epistêmica se faça factível e sejam mitigadas lacunas de desinformação e de *fake news*.

## REFERÊNCIAS

- BATEMAN, J. A.; WILDFEUER, J. A Multimodal Discourse Theory of Visual Narrative. **Journal of Pragmatics**, n. 74, p.180-208, 2014.
- CARR, N. **Superficiais**: o que a internet está fazendo com nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- CORNELLA, A. Cómo darse de baja y evitar la infoxicación en Internet. **Extra!-Net. Revista de Infonomía**, 1996.
- DAWKINS, R. **O gene egoísta**. Oxford University Press, 1976.
- EVANGELISTA, R. **Infodemia e desinformação**: ciência e ética na sociedade do espetáculo. São Paulo: Editora UNESP, 2022.
- JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- JEWITT, C. Multimodal methods for researching digital technologies. In: PRICE, S; JEWITT, C.; BARRY, B. (orgs.). **The SAGE handbook of digital technology research**. SAGE: Los Angeles, 2013.
- KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias**: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- KRESS, G. **Literacy in the new media age**. London, New York: Routledge, 2010.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse**: The modes and media of contemporary communication. London, New York: Arnold; Oxford University Press, 2001.
- KURITA, S. **Desenvolvimento de Emojis**. NJTT DoCoMo, 1999.
- LANKSHEAR, C. KNOBEL, M. **New Literacies**: every practices and classroom learning. 2. ed. Maidenhead: Open University Press, 2008.
- LEMONS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 8. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020. (Coleção cibercultura)
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora, 1999.
- LORENZO, E. W. C. M. **A utilização das redes sociais na Educação**: importância, recursos, aplicabilidade e dificuldades. Rio de Janeiro: Editora Clube de Autores, 2013.
- MCCULLOCH, G. **Por causa da Internet**: entendendo as Novas Regras da linguagem. São Paulo: editora Seoman, 2019.
- MORAN, J. M. A integração das tecnologias na educação. In: MORAN, J. M. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2014.
- PINTO, L. F. C.; PEREIRA, P. V. S. O uso das redes sociais como ferramenta pedagógica interdisciplinar para a educação ambiental. In: MATTOS, F; COSTA, C. S. (org.). **Tecnologia na sala de aula em relatos de professores**. Curitiba: CRV, 2016
- PORTO, C.; SANTOS, E. **Facebook e Educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.
- RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto

Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, L. **Comunicação Ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção comunicação).

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2014.

SAX, D. **A vingança dos analógicos**: coisas reais e por que elas importam. São Paulo: Editora Intrínseca, 2016.

SOUZA, M. R. De; CAMPOS, L. M. S. Estudo das competências leitoras no ambiente digital: a formação de leitores críticos no ensino superior. **Revista FSA**, v.11, n. 3, p. 77-92, 2014.

VALENTE, J. A. **O computador na sociedade do conhecimento**. São Paulo: Autêntica, 2005.

VAN DIJCK, J. **A Cultura da Conectividade**: uma história crítica das redes sociais. São Paulo: EDUSP, 2013.

WOLF, M. **A mente no mundo digital**: os efeitos da internet sobre nosso cérebro. São Paulo: Contexto, 2019.

ZUBOFF, S. **A Era do Capitalismo de Vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

*Recebido em: 30/09/2024*

*Aprovado em: 24/10/2024*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.